

Eixo temático 3 – Questões sociais

Após assistir às aulas ao vivo, praticar um pouco do que foi aprendido, e ver como aparece esse tema nas questões do ENEM, que tal ver como ele pode aparecer na redação, e como deve ser abordado?

Tema 1: [A igualdade de gêneros em discussão no século XXI](#)

“A história da humanidade é a história da luta...” entre os gêneros. Adaptando a famosa frase de Karl Marx, chegamos a um dos maiores obstáculos para a construção de uma sociedade justa e igualitária: a desigualdade entre homens e mulheres. A diferença salarial, o estigma de sexo frágil, a expectativa social a qual são submetidas e o machismo do cotidiano são problemas enfrentados por milhares de mulheres ao redor do mundo. Destacando ainda que a população feminina não é a única prejudicada: a comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) também sofre com a estereotipação causada pela desigualdade. Esse cenário impossibilita que o famoso trecho do artigo 5º da Constituição seja uma situação real, portanto, precisa ser analisado.

Primeiramente, é válido ressaltar que, historicamente, a mulher vem sendo subjugada pela cultura patriarcal. Isso porque, desde as primeiras civilizações, a maioria das sociedades fez do homem seu pilar de sustentação. Em pleno século XX, essa característica foi reforçada pelo “American way of life”, que vendia a imagem da mulher perfeita como a dona de casa, mãe zelosa e esposa dedicada. Sendo assim, não é de se estranhar que, mesmo após os avanços do pós-guerra, mulheres continuem sendo alvos da desigualdade, cujo reflexo, no caso brasileiro pode ser percebido na diferença salarial – segundo dados do IBGE, ainda era de 30% no ano de 2014.

Contudo, não é correto pensar que não há oposição para essa característica que é inerente à sociedade contemporânea. Ainda no século XVIII, a francesa Olympe de Gouges deu voz à luta pela igualdade, sendo mais tarde colocada de volta em pauta por Simone de Beauvoir, com seu famoso livro “O segundo sexo”, na segunda metade do século XX, e refletida nos grupos homossexuais mundo afora. Os movimentos pela igualdade de gênero vêm ganhando cada vez mais força e apoio não só de mulheres, mas de homens também. Prova disso são os discursos de Patricia Arquette, no Oscar 2015, e de Emma Watson, no lançamento da campanha “Her For She” (Ele Por Ela) na ONU em 2014, incitando a luta pela causa e incentivando a participação da sociedade como um todo.

É fundamental destacar ainda que a questão do gênero não se limita à problemática “homem x mulher”. Ela está associada também à ideia de identidade e à possibilidade de todo ser humano de desenvolver capacidades pessoais e fazer escolhas sem ser limitado por estereótipos da sociedade. Sendo assim, a comunidade LGBT também se mostra ativa na luta pela igualdade entre os gêneros e na efetivação de seus direitos civis. A recente conquista de transgêneros do uso do nome social em suas matrículas em algumas universidades brasileiras e a disponibilização

no Facebook de novas definições de gêneros para seus usuários mostram a força desses movimentos.

Dessa forma, portanto, podemos ver que, como Simone de Beauvoir acreditava, apenas com a cooperação entre homens e mulheres, no sentido biológico dos termos, pode-se redefinir os papéis dos gêneros. Como grande formadora de opiniões, é papel da mídia difundir o movimento e atuar em parceria com ONGs em campanhas pela igualdade. Além disso, cabe à escola, com o auxílio da família, combater o sexismo ainda em seu começo, estimulando o respeito mútuo entre as crianças. Por fim, é papel do Estado, por meio de incentivos à indústria e parceria com os meios de comunicação, reforçar que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações” na forma da nossa Constituição.

Tema 2: [Movimento migratório para o Brasil no século XXI](#)

No final do século XX, o país passou por um período de grande prosperidade econômica que ficou conhecido como “Milagre econômico”. O otimismo gerado por essa conjuntura traduziu-se em uma frase que permanece, até hoje, na cultura popular: “Brasil: o país do futuro”. O crescente número de imigrantes que buscam terras tupiniquins, porém, revela que talvez o futuro esteja próximo de chegar. Dessa forma, é preciso enxergar a oportunidade de crescimento que tal fenômeno representa e propor medidas que maximizem os benefícios e minimizem os problemas.

Em um primeiro plano, deve-se entender que o aumento do contingente populacional gera uma série de problemas para o local de destino. Nesse sentido, a qualidade do sistema de saúde, segurança e educação que já não é ideal, no país, torna-se mais precária caso não haja a definição do limite de absorção de imigrantes por cidade. Logo, faz-se necessária a ampliação da fiscalização das fronteiras do país pelas forças armadas para que haja maior controle do número de pessoas que desejam viver no país, além de uma melhor administração do local de destino evitando locais que já apresentam inchaço populacional.

Entretanto, ainda que haja um limite de indivíduos, aqueles que aqui se estabelecem não são inseridos na sociedade e acabam por incrementar o setor informal da economia, quando poderiam contribuir para o crescimento do país, principalmente em setores que há carência de profissionais, como na construção civil. Para amenizar tal quadro, as ONGs poderiam oferecer cursos de profissionalização aos imigrantes, aproximando-os da dinâmica social do país. Afinal, não basta apenas oferecer água e alimentos como fez o governo no caso da chegada dos 500 haitianos no Acre, ano passado.

Torna-se evidente, portanto, que o país precisa administrar de forma mais consciente a expressiva chegada de imigrantes. Com esse objetivo, além das medidas anteriormente citadas, a criação de uma “cartilha do imigrante”, ajudaria no estabelecimento dos indivíduos uma vez que eles ficariam cientes de suas possibilidades, sendo papel do governo elaborá-la. Com os imigrantes incrementando não só a cultura como a economia, a reação social de transformação em um país do futuro, certamente será agilizada.